

Só um dia o acaso ou a picareta poderão esclarecer tudo; no entretanto entendo que estes informes devem constar n-*O Archeologo Português* para se chamar a attenção para elles dos que com ardor se dedicam a taes estudos.

Bragança, Agosto de 1910.

ALBINO PEREIRA LOPO.

## Analecta archaeologica

### 1. Dolmen transformado em capella

Na villa de Pavia, districto de Evora, existe um dolmen, com esteios e tampa, transformado em capella de S. Denis, como já disse nas *Religiões da Lusitania*, I, 290, nota 1, onde ao mesmo tempo citei exemplos de cousas analogas em França e Hespanha.

Mercês á amabilidade do Sr. Visconde da Atouguia, Par do Reino, e Inspector da Academia de Bellas Artes, posso juntar hoje



Dolmen transformado em capella

algumas informações ás que succintamente dei do dolmen de S. Denis naquelle livro, e publicar tambem uma photographia que o mesmo illustre senhor tirou d'elle.

O dolmen mede 4<sup>m</sup>,30 de altura e 16 metros de perimetro, tomado pela parte exterior. Está perfeitamente conservado, com as fendas tapadas de cal e areia, por dentro e por fóra, e provido de sua porta e campanario. No interior tem um altar, ao fundo, em frente da porta; e as paredes são caiadas, e pintadas com figuras rudes, de ingenuo desenho.

O haver-se adaptado a templo christão, embora hoje profanado, o sepulcro prehistorico, em nada destruiu a estrutura ou o aspecto d'este, pelo que merecia a pena desassombrá-lo da casa a que se encosta (como se vê na figura), e torná-lo mais patente aos olhos dos visitantes. Com isso lucraria sem duvida a villa.

Além de, com a presente photographia, e com as noticias que me enviou, e aqui reproduzo, concorrer para que os leitores d-*O Archeologo* fiquem conhecendo a curiosa capella de Pavia, o Sr. Visconde propôs em sessão do Conselho dos Monumentos Nacionaes que ella se decretasse monumento nacional, o que foi approvedo.

## 2. Inscrições romanas

### a) Das Caldas da Rainha

Publicou o *Diario de Noticias*, em seu n.º de 5 de Janeiro de 1910, a seguinte inscrição gravada numa lapide marmorea que tapava, com as letras para o lado de baixo, parte de uma sepultura apparecida numa vinha do lugar de Tornada; concelho das Caldas da Rainha: DM || MAACO ALLO || BALBO || ANNORVM XXX || AVITA MARCII || MATER FC || SITL. Dentro da sepultura estava um esqueleto que se desfez quando a abriram. Vê-se que a lapide havia sido aproveitada de uma sepultura mais antiga.

O texto deve restituir-se assim:

D M  
MARCO ALLO  
BALBO  
ANNORVM XXX  
AVITA MARCI F  
MATER F C  
S T T L

isto é: *Aos deuses Manes. A Marco Allio Balbo, de 30 annos, sua mãe Avita, filha de Marco, mandou fazer (este monumento sepulcral). A terra te seja leve.*

Ha aqui notavel o estar por extenso o prenome do morto e o do avô materno, pois, como é sabido, os prenomes vem geralmente em abreviatura.

Agradeço aos Srs. Dr. Joaquim Manoel Correia e Eduardo Gonçalves Neves as noticias que em cartas me deram d'este achado archeologico.

Consta-me que a lapide foi para o Museu da Figueira.

## b) De Castello-Branco

Segundo informações que me deu o Sr. Geraldo Gormicho Couceiro, por intermedio do laureado artista o Sr. João da Silva, appareceu ha mais de trinta annos num olival que fica numa encosta, a Leste da igreja de Sarzedas, concelho de Castello Branco, uma lage de schisto, levantada pelo arado, a qual continha uma inscripção latina, que alguem da localidade interpretou ao tempo assim (conservo a orthographia do apontamento que recebi): *Veratia, Veriati filia reedificavit hoc oppidum Sarzedensae et concessit ei privilegium civitatis.*

Ao repente pôde suppor-se que a inscripção é falsa. Eu porém tenho-a por verdadeira, e apenas adulterada *ad hoc*, para ennobrecimento da terra, pelo que a restauro assim:

VERATIA VERATI FILIA

H · S · E

..... P · C ·

A inscripção pertence manifestamente á classe das funerarias. A 2.<sup>a</sup> palavra da 1.<sup>a</sup> linha é *Verati*, genetivo de *Veratius*, e não o que está na copia. A 2.<sup>a</sup> linha deduzo-a de *h(oc oppidum) S(arzedense<sup>1</sup>) e(t)*. As letras finaes deduzo-as de *p(ri)ilegium) e(ivitatis)*. Quanto ao *reedificavit* (i. é, *reaedificavit*), supponho que o interprete imaginou que se subentendia no texto um verbo, e pô-lo claro. Que estava no começo da 3.<sup>a</sup> linha? Aqui é que podemos formular várias hypotheses: *[Pat]ER*, vel *[Mat]ER*, ou *[Pater]* vel *[Mater] FI(liae)*, ou algum d'esses nomes ou outro, seguido de *EI*. O *concessit* foi igualmente imaginado pelo interprete como *reedificavit* (i. é, *reaedificavit*). A idade da fallecida falta, o que acontece várias vezes<sup>2</sup>.

Em todo o caso, o mais importante fica averiguado, que vem a ser os nomes proprios. Na epigraphia peninsular conhecia-se *Veratius*; o feminino era desconhecido.

A lapide foi mettida na parede de um forno, depois de quebrada. Ainda tive esperanças de a obter para o Museu Ethnologico; mas o Sr. Gormicho Couceiro, que empregou para isso benevolmente todos os esforços, participa-me que o forno já não existe, e que ninguem em Sarzedas sabe dar noticias do monumento epigraphico.

<sup>1</sup> Foi isso de certo o que o interprete escreveu, e não *-ae*.

<sup>2</sup> Por exemplo em inscripções da Idanha (tambem na Beira Baixa, como Sarzedas), publicadas no *Corpus*, II, 440, 441, 450, 456.

## c) Do Museu de Guimarães

No Museu de Guimarães existe uma importante lapide funeraria lusitano-romana que tem uma inscrição, infelizmente incompleta, já publicada na *Ephemeris Epigraphica*, VIII, p. 400, n.º 112, e reproduzida na *Revista de Guimarães*, XVIII, p. 62. Em 1909 estive naquelle Museu, e examinando o texto da inscrição, encontrei uma leve discrepancia entre elle e o que corre impresso, e por isso aqui a noto. A inscrição termina claramente em F<sup>II</sup>, e não em P<sup>II</sup>, como transcreveram. O que parece P é F com a haste horizontal pendente na extremidade; para ser P, visto haver aquella haste, devia fechar, e não fecha (como o decalque o mostra bem), nem a pedra está falhada. Além d'isso a primeira linha tem as letras partidas pelo meio, faltando tambem o comêço da inscrição (nome do fallecido, pelo menos). Em virtude do que fica dito, o texto exacto é o seguinte:

TANTIE  
N S I S T R  
A Q U D A  
N V S . H S  
E B R A C  
A R V S . F I I

... *Lanciensis Traqudanus, h(ic) s(itus) e(st). Bracarus fil(ius) vel fil(io).*

A importancia da inscrição está na menção do adjectivo geographico *Lanciensis Traqudanus*, «de Lancia d'além Coa», e na do nome ethnico *Bracarus*, que serve de nome proprio. Na inscrição da Ponte de Alcantara (*Corpus*, II, 760) falla-se tambem dos povos *Lancienses Transcudani*, e numa de Merida (*Corpus*, II, 5261) falla-se de um *Lanc(iensis) Transc(udanus)*, em genetivo, — passos que Hübner, *Eph. Epigr., loc. cit.*, já adduziu. A cidade respectiva, ou *Lancia Transcudana*, chamava-se assim, para se distinguir de *Lancia Oppidana* nos Vettones (cf. *Religiões*, II, 32). Se *trans* se conta com relação á Italia, como *Hispania Ulterior*, devemos entender que *Lancia Transcudana* jazia na margem esquerda do rio Coa. O ter o texto de Guimarães *Traqudanus*, com *q*, em vez de *c*, resulta da influencia do *u*: cf. *qum* = cum, *q(uravit)* = curavit, *pegunja* = pecunia, *Sequndus* = Secundus (vid. *Corpus*, II, p. 1184). Manifesta-se nisso a lingoagem rustica. *Tra-* por *Trans-*, em comparação com os outros textos em que se lê *Trans-* (vid. supra), tambem pertence mais ao idioma do povo, ao *sermo vulgaris*, do que ao dos litteratos.

\*

## d) Inscrição romana de Angueira

No sitio da Cucolha, ao pé de Angueira, concelho do Vimioso, ha um cabeço em que tem apparecido, por occasião de excavações agra-



rias, varios objectos archeologicos, de bronze e de barro, moedas e pedras apparelhadas (cantaria). Tambem ahi appareceu uma estela sepulcral de lousa, de 2<sup>m</sup>,33 de altura, 0<sup>m</sup>,35 de largura, e 0<sup>m</sup>,085 de espessura, em que se lê a seguinte inscripção (letras de 0<sup>m</sup>,05 de altura):

AMITATI

MOGUTI

AN·XXX

que interpreto assim:

*Amita, Ti(berii) Mogiti (filia), an(norum) XXX; ou em vernaculo: Amita, filha de Tiberio Mogicio (= Mogecio, ou de Mogito), de 30 annos de idade, está aqui sepultada.*

Ao repente pôde parecer que em vez de AMITATI teriamos AMITAH, equivalente a *Amitae*; não ha porém dúvida que a primeira linha termina em TI. Como *Amita* é não só cognome conhecido, mas substantivo commum latino, *amita, -ae*, «tia paterna» (aqui tornado proprio), não hesitei em ver em TI as iniciaes de *Tiberii*. Quanto a *Mogiti*, cfr. *Dino-mogeti-marus, Mogetus, Mogetius, e Mogitumarus*, palavras celticas, archivadas no *Thesouro* de Holder. Parece-me que devo ler *Mogiti* (quer seja genetivo de *Mogitius = Mogetius*, quer de *Mogitus*), e não *Mogeti (= Mogetii)*, porque o estado em que está a pedra accomoda-se melhor com um *i*, do que com um *e*. Nessa palavra contém-se a ideia de «grande».

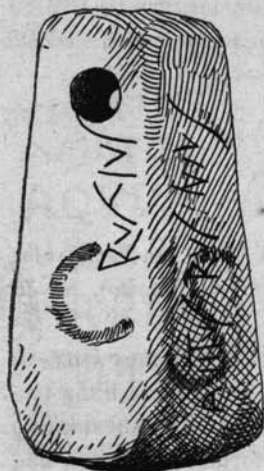
A lapide foi vista por mim em Angueira, em 1902. Partida em tres partes, que porém se ajustam, existe hoje restaurada no Museu Ethnologico, por diligencias do Rev. José Bernardo de Moraes Calado, digno conego-prior da sé de Miranda do Douro, ao qual a Archeologia nacional deve já outros serviços.

### 3. Pondus de barro

De varios *póndera* romanos de barro vermelho (pesos de tear) apparecidos em Quintella, concelho de Mangualde, em propriedades do meu amigo o Sr. Francisco de Tavares, que teve a bondade de m'os offerecer todos para o Museu Ethnologico, escolho um, por mais importante, para o publicar no *Archeologo*.

Tem a fórma de tronco de pyramide de base quadrangular, perforado transversalmente na parte superior. Em cada uma das faces ha uma letra digital, isto é, feita com um dedo (certamente o indicador), emquanto o barro estava fresco: respectivamente C, S, S, S. Na primeira face gravou-se, alem d'isso, com um *graphium*, ou outro instru-

mento de ponta, a seguinte inscripção, contida em parte da concavidade do C digital: *Rufius* (nome gentílico). Na segunda gravou-se do mesmo modo: *Avitus Ruf[i]nius* (o primeiro *i* da segunda palavra está sumido). Como não é provavel que *Avitus* e *Rufinius*, assim seguidos, sejam nomes de duas pessoas diferentes, temos aqui a particularidade de estar o *cognomen* (*Avitus*) antes do *nomen gentilicium* (*Rufinius*), do que podem ver-se outros exemplos no *Corpus*, t. II, pp. 1200, col. 1.<sup>a</sup> A inscripção da segunda face fica ao longo do S digital de que acima fallei. Tanto ella como a antecedente foram gravadas antes da cozedura do barro. As letras tem em parte character cursivo.



Altura do *pondus*: 0<sup>m</sup>,175; diagonal da base: 0<sup>m</sup>,10; diagonal do córte: 0<sup>m</sup>,065. Estas medidas são aproximadamente.

#### 4. Carranca romana de bronze

O objecto representado de tamanho natural na gravura junta appareceu em Cárquere (Rêsende), e foi-me offerecido para o Museu Ethnologico, onde está, pelo Rev. Manoel Soares da Silva.



Figura uma cara de homem, com bigode, e barba calamistrada, que toma as fontes e o mento. Na testa o cabello está disposto como se fosse um diadema duplo. O rosto fica pois circundado pelo cabello e pela barba, que estão estilizados.

Em cima ha uma argola que constitue com a cara uma só peça.

Este objecto devia primitivamente fixar-se na borda de uma situla ou caldeira, paralelo a outro igual. Nelles se prendiam as asas do vaso. Infelizmente em Portugal não se tem encontrado, que eu saiba, situlas completas. Apenas, pelo que toca á Peninsula, posso dizer que em 1905 vi uma de bronze no Museu

Archeologico de Madrid, ahi depositada pelo Sr. D. Antonio Vives: ella estava provida de placas ou carrancas analogas á do Museu Ethnologico, dispostas de cada lado da caldeira, como a cima indico.

Já nO *Arch. Port.*, v, 281, fallei de outra que pertenceu ao Dr. Teixeira de Aragão, e hoje pertence ao Museu Ethnologico. Cf. tambem Pierre Paris, *Essai sur l'art*, II, 237 sgs.

\*

Cárquere é muito conhecida na nossa archeologia pelo grande numero de lapides romanas que ahi tem apparecido: vid. *O Arch. Port.*, v, 206. O objecto de que aqui trato relaciona-se com ellas.

### 5. Callipolis

No n.º CMXLIII da secção intitulada «Fallar e Escrever», no *Diario de Noticias* de 16 de Fevereiro de 1909, lê-se o seguinte:

No artigo CMXII desta secção, houve equívoco, produzido pela semelhança de dois nomes geográficos latinos, *Collippo* e *Callipolis*. Aquele era provavelmente o nome antigo da cidade que hoje se chama *Leiria*; e este era o nome de várias cidades do antigo império romano, na Sicilia, na Trácia, na Etolia, etc., parecendo que também designou uma cidade, onde hoje está a nossa *Vila-Viçosa*. E, assim, tem-se dito *calipolense* o que é de *Vila-Viçosa*; como se diria *coliponense* o que é de *Leiria*.

São tantos os erros propagados pela imprensa periodica, que convem atalhar aquelles que for possivel. Temos aqui agora mais um<sup>1</sup>. Ponhamos-lhe freio.

*Villa-Viçosa* nunca se chamou *Callipolis*, nem ha noticia de que na Lusitania existisse alguma cidade assim chamada. A palavra *Callipolis* data do sec. XVI, e foi inventada por André de Rêsende, que assim se exprime na sua obra intitulada *De antiquitatibus Lusitaniae*, Evora 1593, fls. 228, quando trata de VILLA VIZOSA: *uno nomine latine dici non potest, nisi CALLIPOLIN graece confingamus, audaci fortassis exemplo, sed lectoribus, postquam ea vox assiduitate percubuerit, minime displicituro*, — em portuguez: «*Villa-Viçosa* não »póde exprimir-se em latim por uma só palavra, a não ser que forjemos CALLIPOLIS á grega, por processo talvez ousado, mas que de »nenhum modo desagradará aos leitores, logo que essa palavra se »vulgarize muito».

André de Rêsende escrevia em latim, e precisava pois de uma palavra latina ou grega que traduzisse *Villa Viçosa*, ou, como elle escreve, *Villa Vizosa* (com z, porque em latim não ha ç). Effectivamente

<sup>1</sup> E raro será o artigo d'essa secção que não contenha algum desacerto!

*Callipolis* preenchia o seu desejo, porque se compõe de duas palavras gregas que correspondem ao sentido da nossa; além d'isso, elle não fazia mais do que introduzir nos seus escritos um vocabulo conhecido na geographia antiga, como o seu commentador Diogo Mendes de Vasconcellos pondera a fl. 259 da citada obra<sup>1</sup>.

Segundo os habitos da litteratura, é licito proceder como André de Rêsende procedeu, pois juntar a palavra grega *πίλις* a nomes de terras, como elemento formativo d'ellás, tem sido costume muito seguido: *Chrysopolis*, *Herbipolis*, *Karopolis*, *Martinopolis*, *Stephanopolis*, etc.: vid. Blanchet, *Les premiers deniers de Lectouré*, Paris 1910, pp. 4-5, e sobretudo o nosso Fr. P. de Poyares, *Diccionario Lusit.-Lat. de nomes proprios*, Lisboa 1667, pp. 5 sgs., capitulo que diz «Nomes de cidades que acabam em -polis», onde uns são antigos, outros meramente litterarios. André de Rêsende tinha pois diante de si muitos modelos que adoptasse<sup>2</sup>. Tambem, em vez de «habitantes de Penafiel» dizemos *Penafidelenses*, havendo-se traduzido «fiel» por *fidelis*; em vez de «habitantes de Castello-Branco» dizemos *Albicastrenses*, havendo-se traduzido «castello» por *castrum*, e «branco» por *album*; mas não deve por isso presuppôr-se que houve jamais povoações lusitano-romanas chamadas *Penafidelis* ou *Albicastrum*. Do mesmo modo não houve *Callipolis*.

J. L. DE V.

### Uma jornada archeologica

A fraga do cavalleiro—A Terronha—A Cidadelhe  
O Castello de Alfenim

A Senhora da Veiga—O pelourinho e a porca de Failde

Num dia d'estes levantei-me ás duas horas da manhã, e, alumiado ainda pela luz da lua-cheia, sòzinho, montado em cavalgadura aspera, parti para o sul d'esta cidade pela estrada Bragança, S. Pedro, Carcedo, Paredes, Izeda, a fim de proceder ao reconhecimento de vestigios archeologicos que me informaram existiam em varios sitios para estes lados. Ao ser dia claro, d'essa doce manhã, no começo da su-

<sup>1</sup> Na propria Iberia temos tambem *Callipolis*, mas muito longe do Alentejo, na costa do Mediterraneo, ao sul de Tarraco: vid. Avieno, *Ora Maritima*, vv. 514 e 515 (edição de Holder).

<sup>2</sup> Nome moderno, formado de identica maneira, mas vivo, e não só litterario, é *Petrópolis*, de uma cidade brasileira: «cidade de Pedro». Este nome coincide com o latinizado ou hellenizado de S. Petersburgo.